

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

La percepción de lo extraño. Contribuciones teóricas para la comprensión de los procesos de exclusión social.

Luci Ribeiro.

Cita:

Luci Ribeiro (2009). *La percepción de lo extraño. Contribuciones teóricas para la comprensión de los procesos de exclusión social. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/446>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/gfV>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

La percepción de lo extraño

Contribuciones teóricas para la comprensión de los procesos de exclusión social.

Luci Ribeiro

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)
luciribeiro09@gmail.com

LA PERCEPCIÓN DE LO EXTRAÑO: contribuciones teóricas para la comprensión de los procesos de exclusión social.

A contribuição deste paper limita-se a fornecer alguns elementos para a reflexão sobre a construção social do estranhamento, mais especificamente para a teoria social contemporânea. Essa temática apresenta um discurso que torna mais complexo o debate sobre as diferenças e o reconhecimento da alteridade. Os discursos, bem como as ações efetivas para o reconhecimento do direito a diferenças – sejam de gênero, religião, cultural ou econômica – partem de cenários diversos, porém mostram sempre a mesma oposição ‘nós-eles’.

No entanto, a contemporaneidade produz padrões cada vez mais complexos sobre as diversidades emergentes. A conhecida oposição ‘nós-eles’, ou ‘universal *versus* particular’, embora extremamente válida, tem seus limites visíveis quando se depara com as multiplicidades divergentes que surgem e convivem com as formas anteriores de estigmatização e exclusão social. Faz-se necessário um repensar das categorias analíticas que não sejam totalmente generalizáveis, mas que levem em conta as especificidades das situações ímpares onde se originam.

Esta discussão envolve, por um lado, as expectativas em relação à possibilidade de uma coesão da comunidade, baseada em uma identidade comum e construída em torno de interesses e valores comuns, e, por outro lado, a necessidade da consideração da pluralidade cultural e social, de diferentes interesses e orientações valorativas nas decisões políticas.

Para que se possa dar melhor entendimento ao que chamamos de multiplicidades divergentes, mostra-se mais adequado a introdução de um termo geral utilizado nas ciências sociais; o conceito de estranho, mais comumente empregado para designar indivíduos isolados, ou grupos de indivíduos que sofrem estigmatização e exclusão social. Embora o uso de um termo que inicialmente generalize contextos tão diversos possa à primeira vista parecer uma redução analítica, sua constituição, seu significado expresso é formado por uma variedade de percepções sobre a ambivalência social. Assim, a base constitutiva do conceito ‘estranho’ oferece aos cientistas sociais a possibilidade de abordar singularidades próprias de cada contexto social.

Através de uma sucinta análise de diferentes abordagens discursivas sobre o estranho ao longo do século XX – em autores clássicos e contemporâneos da sociologia, como Georg Simmel, Alfred Schütz, Norbert Elias e Zygmunt Bauman – é possível formar um quadro geral sobre a transformação da percepção do estranho. Esse quadro geral poderá auxiliar na interpretação das origens e motivações da exclusão. Por conseguinte, a investigação das diferentes graduações da percepção do estranho em autores clássicos e contemporâneos pode conduzir a uma visão ampliada da questão do estranho dentro da teoria social.

No início do século passado, a exclusão social ainda não se configurava como um tema relevante para a sociologia em consolidação. Por este motivo, Georg Simmel, por exemplo, não se deteve sobre os problemas de exclusão vividos pelo estranho. A preocupação de Simmel concentrava-se na definição do estranho e de sua função para a sociedade, revelando com isso uma percepção da possibilidade de um convívio positivo com a ambivalência inerente ao estranho. O estranho é um dos vários tipos sociais descritos por Simmel, cuja relação com a sociedade mostra a existência

simultânea de situações de inclusão e exclusão. Em síntese, a análise simmeliana focaliza as ambivalências introduzidas em todas as relações sociais, evitando que se estabeleça uma preponderância em favor de um ou outro lado da relação social.

Simmel não procura se esquivar de uma conceituação precisa, antes, ele percebe que a imprecisão também é característica das formas de relação social. Dessa maneira, a dificuldade em definir o estranho deriva de sua própria posição dentro do grupo, baseada em uma inter-relação estabelecida no convívio social, e não determinada apenas pelas características particulares, sejam do grupo ou do estranho.

A própria definição simmeliana abarca a complexidade do “ser” estranho como aquele que desfruta possibilidades variadas: ir, vir, permanecer, fazer parte, e ao mesmo tempo não fazer parte. O estranho abordado por Simmel (1983: 182) tem uma característica peculiar que ajuda a defini-lo: a transitoriedade “(...) não no sentido de um viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica”.¹

A transitoriedade é uma condição de existência própria de vários indivíduos que são reconhecidos como estranhos. O estranho que chega, que se aproxima, tem um passado, uma biografia não compartilhada até o momento, mas que é dinâmica. O ficar do estranho poderá significar que a continuidade de sua biografia será compartilhada com os demais membros do grupo. Neste sentido, o estranho passa a fazer parte do grupo, porém não em igualdade de relação com os demais membros do grupo. “Assim como o indigente e as variadas espécies de ‘inimigos internos’, o estranho é um elemento do próprio grupo. São elementos que se, de um lado, são imanentes e têm uma posição de membros, por outro lado, estão fora dele e o confrontam” (Simmel, 1983: 183).

É possível afirmar que Simmel parte de uma condição *a priori* para a obtenção da igualdade, a saber: os indivíduos são diferentes. A igualdade no que se refere “aos aspectos específicos da existência”, como, por exemplo, possuir direitos sociais e civis, precisa partir desta orientação para ser bem sucedida, do reconhecimento das diferenças individuais.

Alfred Schütz, assim como Simmel, não considerou a exclusão como um tema a ser tratado. Seu foco priorizou os problemas internos, subjetivos vividos pelos estranhos em um processo de adaptação. Embora Schütz reconheça e descreva de maneira pertinente os problemas vividos durante o período de adaptação, sua análise não transpõe os limites da aceitação e da adaptação do

¹ A definição de Simmel expressa uma situação típica de uma forma de vida: a forma de vida do viajante, sobretudo a forma de vida do comerciante judeu.

estranho. Em outras palavras, a análise de Schütz torna perfeitamente factível a adaptação do estranho ao novo ambiente, desde que ele assimile os padrões culturais do novo grupo e, se assim ocorrer, “(...) o estranho não é mais um estranho e seus problemas específicos serão resolvidos” (Schütz, 1976: 105).

A aceitação e a tolerância são os objetivos finais do estranho ao passar pelo processo de adaptação que, por sua vez, se insere em um processo de relação interativa. Schütz (1976: 91) definiu o estranho como: “(...) um indivíduo adulto de nosso tempo e civilização que busca ser aceito permanentemente, ou pelo menos, tolerado pelo grupo do qual se aproxima”.² Nesta situação, o estranho procura interpretar e assimilar os padrões culturais do novo grupo social, para que estes possam servir de orientação dentro do novo ambiente social no qual ele ingressa.

Nota-se que a partir desta definição, Schütz caracteriza o estranho atribuindo a ele tempo, espaço e desejo individual. É possível observar aqui uma contraposição inicial à abordagem de Simmel, que não tematizou os desejos pessoais, nem necessidades humanas do estranho, como, por exemplo, a necessidade comum de ser aceito. Schütz, por sua vez, compreende o estranho como um indivíduo que orienta suas ações com o intuito de alcançar tolerância e aceitação por parte dos membros do novo grupo.

A tentativa de adaptação do estranho envolve ao mesmo tempo uma interpretação intersubjetiva do padrão cultural do novo grupo, bem como um questionamento de sua validade.³ É importante ressaltar que a interpretação e o questionamento passam pelo filtro de sua própria cultura, e é este processo que gera no indivíduo sensações de desconforto e de estranhamento.

O mundo da vida cotidiana é apreendido pelos indivíduos como algo dado e não como objeto de reflexão e questionamento. O mundo da vida cotidiana é o espaço da interação, no qual indivíduos chegam a acordos mútuos e pessoais através de suas diferentes relações. O conhecimento típico da vida cotidiana, que nos parece integral, é na verdade um conhecimento parcial dos elementos relevantes que facilitam ou possibilitam as execuções das ações dos indivíduos no âmbito de sua vida diária.

² “(...) an adult individual of our times and civilization who tries to be permanently accepted or at least tolerated by the group which he approaches”.

³ Todo padrão cultural de um grupo se apresenta aos seus membros como senso comum, como um conhecimento inquestionável sobre questões e situações da vida cotidiana. De uma forma mais específica, ele diz respeito aos valores peculiares, às instituições, aos sistemas de orientação que caracterizam um grupo social num dado momento de sua história.

O que se verifica na abordagem de Schütz é que a tensão do processo de adaptação ocorre predominantemente do lado do estranho e está relacionada a questões pessoais e emocionais. A tensão que ocorre do lado do grupo é negligenciada por Schütz, que não considera, por exemplo, a possibilidade de que a não aceitação do grupo possa se mostrar como um fator impeditivo, ou de morosidade do processo de ajuste social.

A própria atitude do estranho frente às concepções de mundo do novo grupo dita, em certa medida, a percepção que o grupo adquire do estranho. Essa percepção sustenta-se, principalmente, pela preocupação do grupo em manter suas concepções de mundo intactas, garantindo, como de costume, o sucesso de suas ações. A atitude questionadora do estranho frente ao novo padrão cultural ameaça formas de viver até então inquestionáveis. Dessa forma, tanto a objetividade do estranho como sua lealdade são questionadas pelos membros do grupo, em decorrência da comparação entre as diferentes concepções culturais.

No entanto, a rejeição permanente sofrida pelo estranho, e que acaba se configurando um fenômeno social que gera graves problemas não é um tema abordado sistematicamente por Schütz. De fato, ele considera apenas aqueles fatores que levam à aceitação do estranho e que supostamente partem das atitudes do próprio estranho. Neste sentido, a familiarização do estranho com os novos padrões culturais é apresentada como a solução para seus problemas de adaptação. Somente após ter-se habituado com conhecimento adquirido sobre o novo padrão cultural é que o estranho pode começar a adotá-lo como o esquema de sua própria expressão. Isto começará a acontecer a partir do momento em que o estranho se der conta de que sua percepção do novo grupo é produto do seu esquema de interpretação, comum à sua comunidade de origem.

A exclusão do estranho passa a ser um tema relevante na abordagem das configurações sociais de Norbert Elias. Todavia, Elias não se detém exclusivamente sobre o estranho, mas antes, sobre a relação de poder que se institui entre um grupo já estabelecido e um grupo *outsider*, e que acaba gerando a discriminação deste último. Para Elias não são nem a raça, nem a etnia os fatores determinantes para a exclusão e estigmatização de um indivíduo ou de um grupo pela ação de outro grupo predominante.

As investigações de Elias sobre as figurações sociais, onde se originam a exclusão do grupo *outsider*, mostram-se complexas à medida que aprofundam os conhecimentos sobre as formações das intrincadas teias sociais. A percepção de Elias do *outsider*, ou do estranho, baseia-se, sobretudo, na consideração da dinâmica inerente às inter-relações que os indivíduos em sociedade mantêm entre si; estas, por sua vez, engendram as mais variadas configurações sociais. Ocupar-se apenas do *outsider* (estranho), de seus problemas de adaptação, das conseqüências da exclusão para sua vida,

como se ele não interagisse com os demais membros da comunidade, não evidenciaria os mecanismos geradores da exclusão. Do mesmo modo, ocupar-se apenas da sociedade, ou dos grupos, como se eles, devido a um espírito imanente de maldade, agissem intencionalmente para oprimir o *outsider* (estranho), também não traria a dimensão necessária para a compreensão das questões de estigmatização e exclusão.

As funções e configurações que se estabelecem, muitas vezes alheias às vontades dos envolvidos, podem ter sua natureza alterada, quando se adquire consciência de suas conseqüências negativas para o conviver humano. Uma alteração promovida pela ação consciente dos indivíduos significaria um amadurecimento das formas de relacionamento social. Desta forma, o olhar de Elias sobre a sociedade não focaliza a questão da instrumentalidade nas relações sociais, mas sim a reciprocidade das funções envolvidas.⁴

Na obra *Os estabelecidos e os outsiders*, Norbert Elias mostrou como o estabelecimento de relações de poder determinou a exclusão de imigrantes do bom convívio social. Os “*outsiders*” não conseguiram romper as barreiras erguidas contra eles, chegando ao ponto de internalizar os preconceitos dos próprios estabelecidos. A comunidade estabelecida outorgou-se o *status* de gente de “melhor índole” porque se sentia ameaçada pela chegada de estranhos. A aceitação das barreiras corroborou a opinião que tinha se formado sobre eles. Uma imagem negativa, criada, a princípio, pela constatação de atitudes rudes de uma minoria, somada à falta de coesão entre os moradores imigrantes, perpetuou o círculo de exclusão.

No nível macro, obviamente, as relações entre os indivíduos são muito mais complexas e derivam das mais variadas fontes, como Elias aponta no seu estudo *Os alemães*. A obra revela que o efeito da ação histórica do Estado ganha significativa relevância. No entanto, a defesa dos modos de vida de uma sociedade mais organizada e mais complexa também desempenha um papel importante na criação e manutenção de desigualdades e exclusão social.

Nas sociedades modernas, de um modo geral, a existência de um duplo código de normas, cujas exigências são aparentemente contraditórias, faz com que os indivíduos vivam um dilema. Por um lado, estabelece-se um código moral baseado na igualdade, considerando o respeito ao indivíduo um valor inalienável. Por outro lado, vigora um código nacionalista, de caráter não igualitário e excludente, cujo maior valor é a comunidade.

⁴ A ação de cada indivíduo desempenha funções específicas na composição do todo social, podendo promover tanto a integração, como a exclusão. Ver a respeito: Elias (1994).

A nacionalização do sentimento, da consciência, dos ideais, a construção de uma *imagem-nós*, assim como a existência de um código dual centrado, por um lado no indivíduo, por outro no Estado-nação, é comum a todas as sociedades. O interessante, como ressalta Elias, é que a elucidação das características distintas do modo alemão de lidar com essa dualidade indica a possibilidade de diversas variações de tratar o problema do nacionalismo exacerbado e suas conseqüências.

Para Elias, o questionamento desse duplo código pode auxiliar na constante tarefa de redefinição de obrigações morais. Devemos ter obrigação moral com a humanidade como um todo, ou as obrigações morais devem se restringir apenas aos compatriotas, membros do Estado? Essa indagação torna-se particularmente relevante para os atuais contextos da globalização, em que as ações dos atores sociais, no mundo todo, são crescentemente entrelaçadas, e das ameaças ambientais globais, com o que as ações individuais, as atitudes de comunidades ou dos atores no âmbito nacional tendem a causar impactos sobre pessoas e grupos alheios.

Atualmente, Zygmunt Bauman desenvolve uma abordagem perspicaz e ampla dos processos da modernidade, concentrando sua análise na ambivalência inerente ao seu desenvolvimento. Os movimentos que acarretam mudanças e ao mesmo tempo conservação são os que, na verdade, configuram a ambivalência na modernidade, mais especificamente, na pós-modernidade. Porém, o sentimento que emerge quando se fala em ambivalência se refere a uma necessidade de estabilidade, como uma forma de “curar”, “solidificar”, o que é ambivalente, para dessa forma, alcançar segurança no agir.

A figura do estranho é de fundamental importância na análise de Bauman da modernidade e da pós-modernidade, já que o estranho é aquele indivíduo que incorpora toda essa ambivalência. Sua existência deflagra as mais adversas reações, indicando o quanto ainda se formam identidades inseguras, e o quanto ainda é necessário avançar na busca de novas formas de convivência entre a multiplicidade de indivíduos.

A polissemia de estranhos na vida pós-moderna – aqueles que chegam hoje e permanecem amanhã; os estranhos da cidade, da episódica vida moderna; os estranhos ao consumo; os estranhos que denunciam a estreiteza de horizontes (artistas e intelectuais) – não corresponde, no entanto, a uma alteração das características básicas do estranho. Segundo Bauman (1998b: 27), os estranhos “(*...*) *obscurcem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido (...)*”. O problema comum aos estranhos

de todos os tempos é que eles ofuscam as regras que estabelecem a segurança no que diz respeito às formas do agir e aos padrões de comportamento.

Na tentativa de estabelecer um mundo homogêneo, sem diferenças, sem anormalidades, no qual a igualdade seria a base comum da construção de identidade entre os indivíduos, a modernidade ignorou as conseqüências destrutivas desse empreendimento. Vimos surgir – como uma dessas conseqüências – vários movimentos discriminatórios e violentos, que buscando “harmonia” aprofundaram ainda mais os problemas das sociedades contemporâneas. Bauman cita como exemplo os regimes totalitários que agiram de forma a dominar as tendências discordantes, isto é, as diferenças, e quando não souberem mais dominar, eliminavam e tiravam de seu campo de ação tudo que não promovesse a igualdade, ou, que colocasse em dúvida sua existência

Os estranhos da contemporaneidade continuam representando a resistência à fixação e à contestação das oposições, questionando a modernidade como um seguro campo de ação. Mas Bauman atribui a não-especificidade do estranho à possibilidade de se aprender a lidar com os movimentos contraditórios da modernidade. A existência do estranho sinaliza, na verdade, que as coisas poderiam ser diferentes, não no sentido de que podem ser piores, mas no sentido de que existem possibilidades a serem exploradas, que podem, ou não, conduzir a uma convivência mais tolerante com as ambigüidades do mundo moderno

As abordagens contemporâneas do estranho, ao debaterem sobre as causas de sua exclusão, oferecem um novo horizonte para que percepções desses mesmos problemas não permaneçam alheias aos contextos em que se originam. De uma forma geral, elas propõem um novo olhar sobre a condição da modernidade atual, uma forma que não considere a imprevisibilidade, a ambivalência e a incerteza como um problema que deve ser resolvido, de modo que tudo volte a ser como era antes, mas sim como uma possibilidade e chance de transformação positiva. Nesta direção, poderiam ser transformadas também as percepções do estranho, pois a existência do diferente incita a curiosidade de conhecer novos mundos e procurar novas perspectivas conciliatórias.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt .**Thinking Sociologically**. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.
- _____. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998 a.
- _____. **O mal estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998 b.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001a.
- _____. **Community: seeking safety in na insecure world**. Blackwell, 2001b.
- ELIAS, Norbert. “**Conditio humana: Beobachtungen über die Entwicklung der Menschheit**.” In: Bielefelder Universitätsgespräche 2, Bielefeld, 1986.
- _____. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.
- _____. **Norbert Elias über sich selbst**. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1996.
- _____. **Os Alemães: a luta pelo poder e evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.
- _____. **Introdução à sociologia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1999.
- _____. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000 .
- SCHÜTZ, Alfred. “The stranger: an essay in social psychology.” In: **Collected Papers II: Studies in social theory**. Martinus Nijhoff, 1976.
- _____. Relações interativas. In: **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms: selected writings**. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- _____. **Sociologia, Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1983, 34 V.
- _____. “A metrópole e a vida mental.” In: VELHO, Otavio Guilherme (org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.